

30/7/2023

No Distrito Federal, a Biblioteca Dorina Nowill, em Taguatinga, é a única unidade pública braille e o ponto de encontro desse de deficientes visuais que a adotam como uma segunda casa. Com o nome em homenagem a uma professora cega que criou uma entidade para o acesso dos cegos à educação, a biblioteca tem um acervo de dois mil exemplares, com 800 títulos. Isso porque o livro em braille ocupa, em média, até três volumes. Obras para adultos, crianças e também audiolivros, além de um telecentro de acessibilidade, que reúne

computadores com acesso livre à internet. Mais que um espaço para leitura, ali se reproduz artes como a música, poesia e muitas histórias contadas. “Digo aqui que é uma biblioteca viva. Não só com nossas obras, mas também com projetos de inclusão, como as rodas de leitura semanais, a contação de histórias, a feira feita anualmente com entidades que atendem os deficientes visuais”, explica a coordenadora do espaço, Eliane Ferreira. “A parte psicológica e emocional do cego muda muito na medida em que convivem uns com os outros, veem a capacidade de superação de seus pares e percebem que também podem se superar”, pontua Leonilde Fontes, servidora da biblioteca há 17 anos. Criado pelo francês Louis Braille, o braille é um sistema de escrita e leitura tátil baseado em códigos em relevo, com os quais se pode representar as letras do alfabeto, algarismos, símbolos, dentre outros. Criada em 1995, a Biblioteca Braille Dorina Nowill conta ainda com publicações convencionais e com letras ampliadas para serem lidas em rodas de leitura e pelo público vidente (normalmente acompanhante dos cegos), idosos ou pessoas com baixa visão. A biblioteca está localizada na CNB 1, Área Especial – Taguatinga Norte. Informações: (61) 3901-3549.
Texto: Francisco Welson Ximenes
Foto: Agência Brasília